

**DESAFIOS E POTENCIALIDADES
DA INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Carolina Telhado Duarte

telhadocarol@gmail.com

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UERJ

Resumo

O presente trabalho tem por objetivos apresentar experiências vividas durante as aulas de recreação na Escola Integrada Bem Viver, a qual está localizada em Copacabana, no Estado do Rio de Janeiro, e debater a importância do planejamento individual e da estimulação de potencialidades, como intervenção no processo de inclusão escolar com alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), mostrando que a afetividade na prática pedagógica é de extrema relevância para o êxito de todo o trabalho pedagógico. Nesse sentido, fica entendida a importância do debate sobre esse assunto, uma vez que a inclusão no Brasil é um desafio, principalmente no âmbito escolar. Além disso, essa situação reflete a sociedade brasileira, levando conceitos e valores sobre inclusão para dentro dos muros das escolas. Este trabalho se desenvolveu por meio de observações das aulas de recreação baseado em referenciais teóricos, Whitman (2015) e Cunha (2017), apresentando diversas maneiras de propor o tema autismo e inclusão escolar. Evidencia-se na conclusão que fomentar a inclusão na escola é uma tarefa desafiadora por sua complexidade. Mas, se apoiada de forma dedicada e consistente pelos professores, apresenta bons resultados tanto nas ações docentes quanto no desenvolvimento dos alunos.

Palavras-chave: Alunos com Transtorno do Espectro Autista; Educação Infantil; Inclusão Escolar.

Abstract

The objective of the present work is to present experiences during recreation classes at Escola Integrada Bem Viver, which is located in Copacabana, State of Rio de Janeiro, and discuss the importance of individual planning and the stimulation of potentialities, as intervention in the the process of school inclusion with students with Autism Spectrum Disorder (ASD), showing that affectivity in pedagogical practice is extremely relevant to the success of all pedagogical work. In this sense, it is understood the importance of the debate on this subject, since the inclusion in Brazil is a challenge, mainly in the school scope. In addition, this situation reflects the Brazilian society, taking concepts and values about inclusion within the walls of schools. This work was developed through observations of the recreational classes based on theoretical references, Whitman (2015) and Cunha (2017), presenting several ways to propose the theme autism and school inclusion. It is evident in the conclusion that fostering inclusion in school is a challenging task because of its complexity. But if supported in a dedicated and consistent way by the teachers, it presents good results both in the teaching actions and in the development of the students.

Keywords: Child education; School inclusion; Students with Autism Spectrum Disorder.

Introdução

A palavra "experiência", que vem do latim *experiri*, que significa provar, experimentar. A experiência é a relação com algo que se experimenta, que se prova. Através da definição dada, nesse relato, venho apresentar experiências vividas no meu trabalho atuando como recreadora na Escola Integrada Bem Viver, localizada no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro, mostrando situações presentes no cotidiano escolar e o porquê do tema autismo e inclusão chamarem tanto à atenção, bem como minha relação com essa temática.

Dessa forma, a definição dada por Heidegger (1987) explicita de forma clara qual é a pretensão em escrever um relato de experiência, onde ele diz que:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo. (p. 143)

Iniciei meu trabalho na Bem Viver em fevereiro de 2018, trabalhando com as turmas de educação infantil, atuando nas aulas de futsal, oficina de jogos, artes – visando estimular a coordenação motora fina e o sensorial -, e as aulas de recreação para a Pré Escola I e II. No início do semestre Guilherme, aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), não participava das minhas aulas, mas de longe já me despertava um interesse em saber mais sobre ele. Diante de todos os comentários e comportamentos vistos, Guilherme sempre me deixou curiosa em querer explorar o mundo autista e alcançar a importância do conhecimento para uma efetiva intervenção e, em consequência, uma verdadeira inclusão.

Assim, a proposta do trabalho tem por objetivo descrever essa experiência vivida, relacionando com esse tema transversal. Além disso, o relato visa colocar em debate aspectos e situações que têm feito das aulas de Recreação um espaço amplo para reflexões sobre inclusão, tanto do cotidiano escolar quanto da sociedade brasileira.

O Transtorno do Espectro Autista

Para Facion (2002)

"Até hoje não se conseguiu uma definição e uma delimitação consensual das terminologias sobre o autismo. A multiplicidade das terminologias fenomenológicas e, respectivamente, seus sinônimos demonstram a complexidade do problema e a diversidade dos princípios de esclarecimento existentes até hoje." (p.19).

O transtorno do Espectro Autista manifesta-se nos primeiros anos de vida, proveniente de causas ainda desconhecidas, mas com grande contribuição de fatores genéticos. Trata-se de uma síndrome tão complexa que pode haver diagnósticos médicos abarcando quadros comportamentais diferentes. Tem em seus sintomas incertezas que dificultam, muitas vezes, um diagnóstico precoce. Não há padrão fixo para sua manifestação, e os sintomas variam grandemente.

A Lei n.º 12.764/12 caracteriza o autismo como uma deficiência persistente e clinicamente significativa da comunicação e da interação social, manifestada por dificuldade de comunicação verbal e não verbal, reciprocidade social e dificuldades para desenvolver e manter relações apropriadas ao seu nível de desenvolvimento. Além disso, o texto da lei ressalta os padrões restritivos e repetitivos de comportamentos sensoriais incomuns, apego a rotinas e interesses restritos e fixos.

O CID - 10, Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, classifica o autismo como um dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento.

A importância da inclusão no ambiente escolar

Para Moraes (2003)

"Certamente, tudo isso tem muito a ver com a construção de ambientes educacionais desejáveis, já que estamos preocupados em resgatar e cultivar a alegria na escola, em construir ambientes que realmente possam contribuir para o desenvolvimento de experiências ótimas de aprendizagem, para vivenciar o processo criativo, onde as crianças possam se sentir mais felizes e emocionalmente mais saudáveis".

Não podemos pensar em inclusão escolar, sem pensarmos em ambiente inclusivo. Inclusivo não somente em razão dos recursos pedagógicos, mas também pelas qualidades humanas. Apesar de um espaço atraente e adequado para a instrução escolar ser uma necessidade elementar na educação, não raramente, deparamos com escolas sem o devido preparo nesse requisito.

Os alunos necessitam encontrar na estrutura do ambiente a acolhida natural que estabelece uma disciplina espontânea, que não subjuga o espírito do homem, mas prepara-o para o aprendizado. Muitos chegam com a vida

familiar conturbada. Ativos ou desconcentrados, abatidos ou alegres, precisam ser cativados pelo espaço escolar. Este deve ser propício para o aprender e o ensinar, na intimidade entre os saberes de cada um, que somados, formam os valores de uma sala de aula. Esses valores devem vir antes de qualquer ensino. A vida é extremamente afetiva; precisa ser trazida para dentro da escola.

Não há como falar em inclusão sem mencionar o papel do professor. É necessário que ele tenha condições de trabalhar com a inclusão e na inclusão. Será infrutífero para o educador aprender sobre dificuldades de aprendizagem e modos de intervenção psicopedagógica se não conseguir incluir o aluno. E como se faz a inclusão? Primeiro, sem rótulos e, depois, com ações de qualidade. Nos rótulos, encontram-se as limitações do aprendente, ou melhor, as nossas limitações. Devemos olhar para ele e transpormos as impressões externas das barreiras do ceticismo. São elas que mais impedem a inclusão do educando em nossos esforços e sonhos.

Quando acreditamos no indivíduo, no seu potencial humano e na sua capacidade de reconstruir seu futuro, o incluímos, e nossa atitude torna-se o movimento que dará início ao seu processo de emancipação. Na verdade, a inclusão escolar inicia-se pelo professor. Percebemos que, com a necessidade da educação inclusiva, criam-se leis, mas, nem sempre, existem as possibilidades de preparação daqueles que trabalham na escola.

A Bem Viver desenvolve um trabalho educacional fundamentado na teoria sociointeracionista e nos princípios da Educação Humanista e Ambiental. Além de ensinar, preocupa-se com a formação pessoal, social e o exercício da cidadania. Busca não apenas uma educação intelectual, mas uma educação do coração. Com a missão de educar crianças gestoras do amanhã para que pensem e lutem por um mundo mais justo, onde as diferenças sociais sejam corrigidas e a dignidade enaltecida, para que todos possam desfrutar de direitos iguais.

Metodologia

Este trabalho surgiu a partir de observações feitas no cotidiano escolar, que começou em Maio de 2018, na descoberta que eu teria um aluno de inclusão gerando um maior interesse sobre o autismo, tendo o apoio da escola e de pesquisas bibliográficas.

Fui informada na semana anterior que o Guilherme começaria a participar das minhas aulas. Uma mistura de medo e alegria. Eu já havia lido bastante sobre o autismo desde o dia em que o conheci. Mas como trazer a teoria para a prática? Como incluí-lo nas minhas aulas? De fato eu sabia o básico sobre o autismo, mas não sabia nada sobre o Guilherme. Dentro do Espectro há uma gama de possibilidades, uma diversidade infinita de características. Nenhum autista é igual. Cada ser é único.

Inicialmente, os objetivos foram criar um vínculo afetivo e evitar os episódios de crise. Cada aula foi um desafio, um teste, uma conquista, uma superação. As primeiras intervenções feitas foram conversar com a turma sobre a participação do Guilherme nas aulas e criar uma rotina para que o Guilherme não desorganizasse emocionalmente. A criança com autismo precisa de previsibilidade no seu dia a dia: **o que irá acontecer, quais**

atividades irá fazer, ser haverá algo diferente. A **antecipação dos acontecimentos** faz com que ela **se sinta segura**, saiba seus objetivos e o que os outros esperam que ela faça. Essas crianças por si só, têm dificuldades em gerenciar seu tempo e se planejar. Dessa forma, a rotina é de suma importância.

Além disso, foi de extrema importância saber mais sobre o **Guilherme** tendo o apoio da coordenação da escola, mostrando todos os relatórios do aluno a fim de que eu pudesse desenvolver e estimular todas as suas potencialidades.

Resultados

Durante o trabalho, pode-se observar que as inúmeras intervenções feitas puderam contribuir de forma significativa no processo de inclusão do **Guilherme** nas aulas de recreação. Além de estimular o senso crítico nos demais alunos da turma seja por meio da ludicidade e dos jogos cooperativos, para que os mesmos pudessem propor modos diferentes de praticar uma atividade, e assim pudessem participar de forma ativa e perceber que todos podem estar juntos nas aulas, independente das limitações.

O planejamento individualizado - focando em atividades funcionais de que desenvolvesse a autonomia, a rotina - antecipando as atividades que seriam realizadas no dia e toda afetividade na prática pedagógica foram indispensáveis em todo processo de inclusão do aluno. Fazendo com que o mesmo ficasse mais atento e participasse mais das atividades, aumentando seu tempo nas mesmas, tendo uma maior interação com os amigos da turma, expressando melhor suas necessidades e demonstrando de forma positiva sua satisfação e interesse durante as aulas.

Por meio das experiências relatadas, percebe-se que a prática docente precisa atrair para educar, e que o desejo e o amor do aprendente estabelecem a qualidade do aprendizado, porque na educação quem mostra o caminho é quem aprende e não quem ensina. Realça o papel do professor, não apenas pelas suas habilidades acadêmicas, mas pela afetividade e pelos valores que permeiam o espírito do homem, dotado de atributos que transcendem a visão restritiva de um currículo e que podem formar cidadãos para a vida.

Discussão

Mesmo com todas as intervenções feitas, ainda que eu antecipasse o foco para evitar qualquer tipo de crise no **Guilherme**, a cada dia era um novo desafio. Com todas as adaptações sendo realizadas, buscando locais com menos estímulos tanto visuais quanto sonoros, sempre busquei trabalhar a interação dele com os demais amigos da turma. Focando em jogos cooperativos, brincadeiras afetivas e acima de tudo sempre respeitando o limite dele.

Guilherme me mostrava o caminho a ser seguido. Digo que todos os dias foram positivos, ainda que alguns não tenham saído como esperado, pude aprender bastante com cada situação e poder intervir de uma maneira mais efetiva nos próximos momentos. Descobri interesses incríveis no Guilherme, como por exemplo, bolha de sabão, massinha de modelar, pintura com canetinha, circuitos motores e algumas atividades sensoriais.

No planejamento semanal, busquei equilibrar todas as atividades para atender a expectativa da turma como um todo, pensando sempre no grupo e na inclusão do Guilherme nas atividades ressaltando suas habilidades e potencialidades. Para Vigotsky (1989)

“é fundamental focar as potencialidades destes sujeitos e não a reabilitação dos defeitos. Esse aluno autista deve ser estimulado a explorar o mundo, a interagir com o outro, a expor sua opinião e desejos, e as atividades lúdicas oferecem grandes oportunidades para isso, mas são sempre um desafio, porque a concentração para qualquer atividade é muito pequena. É importante que se persista e todos os dias se repitam as ações a serem aprendidas. O autista carece de uma atenção individualizada, para aprender alguns comportamentos e mudar outros”.

Ao criar vínculo comigo o acesso para o conhecimento foi aberto, pois ele dá toda liberdade para ensiná-lo e se deixa disposto a aprender. Relacionar-se bem com os colegas, também é aberto o caminho para reconhecimento da escola como um lugar agradável e seu desenvolvimento social. Assim a educação consegue ocorrer de forma integral para esse aluno. Não podemos deixar de reconhecer que os outros alunos também aprendem e se desenvolvem muito com a convivência com o autista.

Ainda, são postos em prática o respeito, o cuidado, a tolerância e a empatia, uma habilidade social muito necessária, pois segundo Prette (1986)

[...] responder empaticamente às pessoas, ainda que intuitivamente, facilita o estabelecimento de vínculos interpessoais, estreitando os relacionamentos, (...) uma vez que as classes de comportamentos que a compõem podem ser entendidas como reações intencionalmente voltadas para o benefício do outro.

Conclusão

Para Cunha (2007)

"podemos dizer que todo conhecimento que vem pelo amor possui a excelência da perfeição. Acima de tudo, quem aprende e quem ensina precisa antes do amor. Na verdade, todo conhecimento possui também a culminância da distinção quando se designa ao amor. O amor é a sublimação do saber".

Professores dedicados, que não se negam a ter desafios, são inspirativos para os pais. Da mesma forma, pais afetuosos e esperançosos estimulam o professor. Com efeito, é pertinente que cada educador reavalie sua prática, em razão das dimensões afetivas inerentes aos processos de ensino - aprendizagem.

No decorrer das aulas, algumas mudanças de atitudes e pensamentos dos alunos, tanto nas suas ações nas atividades quanto nas suas falas nos debates propostos, me mostraram que é importante os professores utilizarem o tema inclusão nas suas aulas, uma vez que este é um assunto que vai para além dos muros da escola, pois é um tema relacionado à nossa sociedade, revelando que essas questões são de interesse público, refletindo no nosso dia a dia.

Nesse sentido, os estudos sobre Autismo e Inclusão Escolar foram temas que chamaram muito a minha atenção, com minhas observações e vivências, como aluna e professora de Educação Física, fazendo com que eu procurasse entender o porquê de certos fatos que acontecem nas aulas.

As atividades lúdicas, recreativas e toda afetividade durante as aulas foram de extrema importância, pois o brincar é uma das principais atividades da criança. É por meio da brincadeira que ela revive a realidade, constrói significados e os ressignifica momentos depois. Dessa forma, aprende, cria e se desenvolve em todos os aspectos, mostrando que o brincar pode ser uma ferramenta de inclusão. Assim, creio que as brincadeiras em geral, depois de ter feito uma análise, contribuem para que as atitudes dos alunos, que antes apenas reproduziam os valores presentes na sociedade brasileira, podem tornar-se atitudes de cunho coletivo, enfatizando a diversidade, a cooperação e a participação de todos.

Concluo acreditando que as aulas de Recreação contribuíram de forma satisfatória para a inclusão do Guilherme, e podem colaborar para uma inicial mudança de pensamentos e atitudes, onde as questões como a inclusão, a valorização das diferenças e da diversidade, o respeito ao próximo, bem como a importância do coletivo em detrimento ao individual, enfatizando o pensamento crítico, podem ser um caminho que propiciará transformações nas relações sociais.

Referências

Ainscow, M.; Porter, G.; Wang, M. (1997). Caminhos para escolas inclusivas. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Aranha, M. S. L. F. (1993). A interação social e o desenvolvimento humano. Temas em Psicologia. 3, 19-28.

Associação Psiquiátrica Americana (2002). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais. Porto Alegre: Artes Médicas.

Baptista, C. R. (2002). Integração e autismo: análise de um percurso integrado.

- Bee, H.** (1995). *A criança em desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bosa, C. A.** (2006). Autismo: intervenções psicoeducacionais. Recuperado a 3 de fevereiro de 2019 em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v28s1/a07v28s1.pdf>
- Cunha, E.** (2007). *Afetividade na prática pedagógica*. Rio de Janeiro, Brasil: Wak.
- Cunha, E. (2017). *Autismo e Inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família*. Rio de Janeiro, Brasil: Wak.
- Elias, A. V.** (2005). *Autismo e Qualidade de Vida*. Tese Mestrado. Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Facion, J. R.** (2005). *Transtornos invasivos do desenvolvimento e transtornos de comportamento disruptivo*. Curitiba, Brasil: IPBEX.
- FIAES, C. S.; BICHARA, D.** (2009). *Brincadeiras de faz-de-conta em crianças autistas: limites e possibilidades numa perspectiva evolucionista*. Natal, Brasil.
- Glat, R. & Pletsch, M.D.** (2014). *Estratégias Educacionais Diferenciadas Para Alunos Com Necessidades Especiais*. Rio de Janeiro, Brasil: EdUERJ.
- Heidegger, M.** (1987). *La esencia del habla*. In: *De camino al habla*. Barcelona: Ediciones del Serbal.
- Lampreia, C.** (2007). *A perspectiva desenvolvimentista para a intervenção do precoce no autismo*. Recuperado a 24 de fevereiro de 2019 em <http://www.scielo.br/pdf/%0D/estpsi/v24n1/v24n1a12.pdf>
- Lemos, E. L. M.** (2014). *Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar*. Revista Brasileira de Educação Especial, v. 20, n.1.
- Marchand, M.** (1985). *A afetividade do educador*. São Paulo: Summus.
- Moraes, M. C.** (2003). *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. Petrópolis, Brasil: Vozes.
- Pozas, D.** (2014). *Criança que brinca mais aprende mais: a importância da atividade lúdica para o desenvolvimento cognitivo infantil*. Rio de Janeiro, Brasil: Ed. Senac.
- Prette, A. D.** (1999). *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Prette, A.D.** (1986). *A utilização do objeto nas interações pró-sociais apresentadas por crianças da pré-escola*. Psicologia Teoria e Pesquisa. Universidade de São Paulo.
- Puly, A.** (2016). *O autismo e a importância da rotina*. Recuperado a 24 de fevereiro de 2019 em <https://psicologiaacessivel.net/2016/11/23/o-autismo-e-a-importancia-da-rotina/>
- Vigotsky, L.** (1989). *Fundamentos de defectologia*. La Habana: Editorial Pueblo y Educación.
- Wallon, H.** (2007). *A evolução psicológica da criança*. São Paulo: Martins Fontes.
- Whitman, T. L.** (2015). *O desenvolvimento do Autismo*. São Paulo, Brasil: M.Books.
- WHO.** *Classificação das doenças mentais da CID 10*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1993.

